

# **Cicatrices de guerras**

Antonia Rosangela

Vivíamos um tempo difícil.

O mercado era precário, não era propício nem mesmo para os donos de grandes charqueadas que se localizavam em zonas mais prósperas. A proximidade do Uruguai, onde o charque era mais barato e de melhor qualidade, devido ao tipo de pastagem da região onde está inserido, dificultava o comércio e o governo nada fazia para estimular os produtores. Muito pelo contrário subia cada vez mais os impostos.

O transporte era feito em lombo de burros ou carros de bois.

Éramos duramente castigados pelas constantes rusgas dos países Platinos com o Brasil.

A Argentina, o Uruguai e principalmente o Paraguai na época, já eram bem organizados politicamente e tinham um comércio privilegiado pelos seus próprios méritos.

Além desses conflitos externos, haviam, também, os internos como roubos e dificuldades as mais variadas. Já nos víamos arrasados e sem um rumo. Eu, nascido em uma família considerada pobre precisava trabalhar e ouvia muitas histórias de uma possível revolução desde que tinha pouca idade.

Meu pai herdara um pedaço de chão do pai dele, mas que não era o suficiente para nos manter. Criei-me fazendo trabalhos rudes no campo, muitas vezes misturados aos negros escravos. Isso nos dava muita experiência. Os senhores nos tratavam com um pouco mais de benevolência por sermos brancos, mas não deixavam de nos colocar no mesmo patamar dos escravos em relação aos trabalhos. O que nos diferenciava era o salário que, naquele tempo, se chamava ordenado. Eu tinha dó dos escravos. Mas, com o tempo fui percebendo que eles não eram aqueles indivíduos acuados tão coitadinhos que se observa nos livros. Alguns, senão todos, inclusive as mulheres tinham uma raiva incrustada em suas almas. Quando podiam

faziam suas maldades e perversidades que até hoje algumas seriam tratadas como delinqüência.

Meu pai era uma mistura de bugre com espanhol. Como seus pais nasceram e se criaram pelas fazendas, nós continuamos muito dignos no que o mundo nos impunha.

Em 1833 fui trabalhar na fazenda de seu Lautério e lá conheci Aurora. No começo não fui aceito na família, mas depois com o convívio foram me conhecendo e acabaram por aceitar-me. Quando casei-me já estava órfão e minha única irmã que já era casada, falecera de parto no ano anterior. Como eu tinha herdado o pedaço de campo que meu avô tinha deixado de herança para meu pai; fomos morar lá.

Os primeiros tempos não foram fáceis.

Aurora embora fosse uma moça de posses não era mimada. Fazia de tudo. Dispensou a menina mulata escrava que sua mãe lhe ofereceu para servir-lhe. Era corajosa resolveu enfrentar o mundo doméstico sozinha. E não fez feio.

Passamos alguns contratempos, porém as coisas tomaram o seu rumo. Tínhamos a esperança de que a revolução que já se tramava há muito tempo fosse ficar somente no bate-boca entre o governo e os donos das charqueadas. Em vez de melhorar as coisas pioraram e chegaram as vias de fato.

Quando se iniciou a revolução requisitaram os homens para as forças. Como os que eram casados não eram obrigados a se apresentar; não o fiz. Mas vivíamos com medo porque a qualquer momento podíamos ser obrigados ir à guerra.

Graças! Que não foi preciso.

Aurora recebeu de presente de sua mãe uma criança que seu Lautério adotara. Depois engravidou e teve nossa filha. No ano seguinte veio o guri.

Continuamos com a esperança de que a revolução fosse durar pouco tempo. Mas qual nada. E nesse caso era melhor não pararmos de trabalhar, porém a cada investida dos revolucionários maiores estragos. Não respeitavam nada. Era um tempo em que tudo pertencia a todos que pudessem carregar. No caso, os revolucionários levavam vantagens. Onde passavam deixavam o terror.

Era verão de 1840, sol forte, quando passou pelo nosso pequeno sítio uma tropa de soldados famintos e maltrapilhos. Escondemo-nos, todos, pois seria morte certa. Havia no próprio chão da casa um esconderijo que somente quem morava ali poderia enxergá-lo. Dentro do esconderijo guardávamos o extremamente necessário à nossa sobrevivência: um barril com água e produtos que não estragassem tão depressa, pelegos que serviam como cama.

O chefe ao se aproximar da casa gritou aos demais que a mesma estava abandonada, pois para despistar os possíveis visitantes deixávamos tudo sujo e revirado. Nada de fogo ou coisa parecida que deixasse pista. Comíamos somente coisas que poderiam ser degustadas sem cozimento. Tudo era cru. Percebemos que acamparam por ali mesmo, porém como ainda era cedo, deveriam ficar por pouco tempo.

Sentiu-se cheiro de fumaça e um bezerro berrando. Logo, só se ouviam as gargalhadas e pequenos pedaços de várias conversas que se entrecruzavam. Após algum tempo não se ouvia nada não ser o relinchar dos cavalos. Era tudo silêncio, porém isto não significava que tivessem ido embora. Eles com certeza estavam cochilando.

Ouvimos um tropel. É que estando dentro da terra, podíamos ouvir coisas que aconteciam bem mais longe do que estando rente a ela. Ficamos esperando e rezando que não se travasse nenhuma batalha ali, pois estaríamos correndo perigo pela batalha e algum curioso poderia nos encontrar.

Enquanto travávamos silenciosamente um diálogo, pois nos comunicávamos por sinais, ouvimos um cavalo se aproximando rapidamente. Escutamos uma conversa entre o cavaleiro e outro homem, talvez o capitão. Era uma língua que desconhecíamos. Era italiano.

Houve um alvoroço, eram gritos, cascos de cavalos trotando e nada das gargalhadas que antes se ouvira. Estariam apreensivos? Nós estávamos.

Ouviu-se um silêncio quase fúnebre e logo em seguida muito grito e barulho. A alegria se generalizou. Era um batalhão amigo que se juntara aos que já estavam acampados.

Ouviram-se mais berros de novilhos e logo depois cheiro de carne assada. Não tínhamos como precisar que horas eram, mas, pelos cálculos já passava das quatro horas quando ouvimos o que mais nos assustava. Um comandante dizia ao outro que seria um bom lugar para passar a noite, pois era um descampado, se via longe e ademais ali tinha bastante pasto para os animais e água o suficiente. Sentimos quando os dois entraram na casa. Cochicharam alguma coisa não entendível e muita risada. Chamaram alguns homens de confiança e ordenaram que juntassem os animais e arrumassem as tralhas, pois iriam levantar acampamento. Um deles tentou argumentar que seria quase noite quando partissem, porém ordenaram que fossem, pois teriam uma grande surpresa. E rindo muito comentaram que iriam para o cabaré da China Rita. O que gerou um grande alvoroço.

Nós éramos cinco pessoas na casa eu minha mulher e três filhos, sendo que o mais velho era de criação. As crianças passavam o maior tempo possível amontoadas em um canto entre pelegos e feno, e nem sequer respiravam quando aconteciam essas intromissões. Todos nós morríamos de medo. Era tempo de guerra e com guerra não se brinca.

Nossos familiares moravam muito longe, tudo era longe, o vizinho mais perto ficava a quase um dia de viagem e não podíamos nos arriscar a andar com mulheres e crianças

em exposição. Corríamos riscos sempre. De dia ou de noite éramos assaltados , roubados , mortos , as mulheres violentadas e as crianças corriam riscos os mais diversos.

Após algum tempo ouvimos o tropel afastando-se, a poeira encheu o céu como um redemoinho. Foram. Que alívio!

Saí do buraco ainda com um pouco de medo e meio atordoado. Vai, lá, que algum resolveu ficar escondido. Mas, que bom estava tudo bem. Meus filhos e minha mulher já estavam quase sem respirar, se tivéssemos que ficar mais tempo ali, juro que iríamos perecer. Durante todo o tempo só poderíamos tomar água e comer pão. Nenhum ruído poderíamos fazer. Ficávamos com dor no corpo, pois a posição que ficávamos não era nada confortável e já era a segunda vez que passávamos por esta situação.

Decidimos naquela noite, que não íamos mais ficar ali. Aquele lugar estava ficando perigoso. Algum dia as crianças não se sofreriam e iam nos entregar, pois era impossível para elas ficarem trancafiadas sem poder falar ou até mesmo bocejar.

De manhã bem cedo ao cantar do galo, levantei eu, minha mulher o guri mais velho. Coloquei as tralhas numa tilbreira. Levantamos as crianças e pegamos o rumo da estrada, não era bem uma estrada, era uma trilha. Passamos uma semana trilhando os campos até chegar à casa de meus sogros que pensávamos estar fora da trilha dos revolucionários. Qual nada. Era tudo a mesma coisa.

Fomos bem recebidos e ficamos por lá um tempo de mais ou menos dois anos entre calmarias e sobressaltos. Quando surgia no horizonte algum cavaleiro os homens sumiam no mato e ficava na casa somente as mulheres e as crianças.

No final daquele ano de 1842, próximo ao Natal, resolvemos que se era para viver perigosamente, então voltaríamos para a nossa casa, se é que ainda existia.

As crianças já tinham idade suficiente para compreender o que se passava, e nós maturidade para enfrentar o que viesse a se suceder. Voltamos e a casa continuava lá, como que a nos esperar. De portas e janelas escancaradas.

Sorridentes as crianças desceram do que agora era um carro de bois, pois eu já aproveitaria a junta para arar a terra e começar uma horta. Começamos uma vida nova. Não mais se viu nem ouviu falar de revolução. Quando passou por lá o mascate disse que estavam tentando terminar a guerra assinando um pacto. Eu não entendi nada como podem tirar vidas humanas, fazer atrocidades, em nome, de objetivos nem sempre muito claros para a maioria da população e depois tratar disso como algo sem nenhuma importância sentimental, como se fosse algo que não acontecera. Os sentimentos humanos ficam dilacerados, cortados como se fossem meros objetos que sem o menor pudor se rejeita. E a dor, qual o lugar ocupado por ela: mães que perdem filhos, filhos perdendo os pais, esposas perdendo maridos. E os homens sanguinário, hipócritas se deleitam e se regozijam fazendo tréguas como se tudo isso não fosse nada, apenas um mero acontecimento que lhes dará mais poder e visão social.

Sou contra a guerra, mas também contra pactos que só servem de fachada para interesses próprios, individuais. Mas vai lá entre esses guerreadores não dá mesmo pra entender muita coisa, às vezes nem sabem porque estão ali fazendo tudo aquilo. O que querem mesmo é ganhar patente.

As coisas se acalmaram e a mulher ficou prenha de novo. Nasceu um guri lindo que nem potrinho tordilho. As bochechas bem vermelhas como pitanga madura. O guri mais velho teve que sentar praça. E voltamos a ficar cinco em casa.

Em maio de 1848, chegou um bilhete da mãe de minha mulher dizendo que a irmã mais nova dela que devia estar com uns dezesseis anos iria se casar em novembro, e gostariam que nós fôssemos os padrinhos do tal casório.

Não achei muito bom aquele negócio. Recém a gente estava pegando um fôlego e com tanta gente pra vestir ia ficar difícil. Mas mulher é bicho esperto, não é que cada vez que o mascate passava por aquelas bandas minha mulher e os meus filhos trocavam abóbora, feijão, galinha e tudo que podiam por roupas e calçados. Eu que achava que sabia de tudo que se passava em minha casa. Eu, eu mesmo é que não sabia de nada.

Estávamos prontos para o tal casamento. Nunca tínhamos sabido do noivo.

Quinze dias antes do acontecimento rumamos para a casa de minha sogra. Meu sogro havia morrido há muitos anos atrás de água nos pulmões. Deixou tudo arrumado: um bom pedaço de campo, alguns punhados de gado , cavalo, porco, galinha e um roçado de dar inveja e que foi conservado pelos filhos e pela própria mulher. Não bastasse as secas , teve os guerreadores, mas o certo é que não abalou o ânimo do pessoal e eles conseguiram conservar e até ampliar o que já tinham . Minha mulher estava muito ansiosa para conhecer o noivo, pois ia ser o seu cunhado. Todos estávamos muito ansiosos, principalmente as crianças: era a primeira vez que iam a um casamento de verdade com padre e tudo.

As crianças não conheciam padre, pois nem mesmo batizadas eram.

Minha sogra era uma mulher muito astuta e autoritária, me chamou de lado e me comunicou que não queria ninguém no casamento que não tivesse de bem com a religião e o noivo de sua filha era de tradição muito religiosa. Então, me ordenou que arrumasse os padrinhos para a criançada, porque o padre estava por chegar naqueles dias e os meus filhos iriam se batizar.

Arrumamos padrinhos na própria família. Tudo estava resolvido.

Chegou o dia da chegada do padre e junto com ele veio a família do noivo. Eles também ficariam hospedados na fazenda. Tinha lugar para todos.



A chegada transcorreu com uma festa. Por fim conhecemos o noivo. Tinha um porte militar, alto para os padrões da época, loiro com olhos que ora pendiam para o azul, ora esverdeados, tez muito clara e muito silencioso. Falava baixo e um pouco atrapalhado. Os pais e a irmã pareciam mais a vontade do que ele. Todos muito educados e claramente se deduzia que brasileiros não eram. Fomos todos apresentados.

No dia seguinte aconteceriam os batizados.

O dia mal amanhecia e começaram a chegar os vizinhos para a cerimônia de batizados, que nesta época era realizada em um local escolhido pelo padre em suas andanças que já ficava avisada a próxima visita pelo próprio em suas passagens rápidas durante o ano. Geralmente os batizados aconteciam de três em três anos naquela redondeza. O padre que não era bobo escolhia sempre um lugar onde fosse mais bem tratado.

Durante toda manhã foram realizadas confissões e a tarde os batizados, depois da sesta do padre, ele mais que todos era filho de Deus e julgava que merecia descansar. O padre não era nem muito gordo, nem muito magro, mas comia uma barbaridade. Estava sempre beliscando algo. Cometia umas mil vezes o pecado da gula. Coitado!

Transcorridos os batizados o povo se retirou. Começaram os finalmente para o casamento.

Os homens trataram de começar as matanças dos animais e as mulheres na preparação de doces.

Todos muito concentrados nos afazeres nem nos lembramos do noivo. Minha filha que estava sempre atenta veio falar comigo dizendo que vira o noivo pegar o caminho do riacho e que já fazia muito tempo e ainda não tinha voltado. Diante da preocupação dela fui verificar o que havia acontecido. Procurei por Mariana, a noiva, e ela me informou que ele não podia ver sangue que ficava doente, portanto havia ido para longe a fim de não assistir a

matança dos animais. Fiquei cabreiro: um homem, já com vinte e tantos anos, com medo de sangue? Mas cada qual com seu cada qual. Não me meti. Voltei para meus afazeres.

À noite ficamos envolta do fogo de chão ,cantando , tomando mate e contando causos até tarde.

Quando fomos deitar minha mulher comentou comigo algo que eu não tinha percebido: o noivo era calado demais para um jovem em plena juventude, tinha receio de sangue. E a voz, aquela voz era conhecida. Mas de onde?

Sabíamos que não o conhecíamos. Isto era claro.

Já era muito tarde. Dormimos.

No dia seguinte, dia anterior ao dia do casamento, minha filha que não sei por que motivo vigiava tanto o noivo de minha cunhada veio falar-me que o mesmo estava chorando embaixo de um pé de jacarandá muito grande que ficava nos fundos da mangueira. E disse-me que ela já conhecia aquele moço , só não lembrava de onde e que o tinha reconhecido pela voz. Perguntei - lhe se lembrava daquela voz? Onde ela tinha escutado? Foi quando de repente ela disse:

\_ Lá na nossa casa, ele já esteve lá... Faz muito tempo.

Fui procurar o rapaz para ver o que acontecia e tirar a dúvida que tanto me atormentava. De onde o conhecíamos?

Ele já estava recomposto. Iniciamos um diálogo. Perguntei-lhe se antes de namorar minha cunhada ele conhecia aquela localidade. Ele respondeu-me que aquele local, não. Mas já andara pelas redondezas. Brinquei com ele perguntando se estava procurando uma noiva quando passou por ali. Foi quando fiquei sabendo que tinha lutado na revolução. Então, agora, eu percebia que fora ele que ficara na minha casa naquele verão de 1840. Era o Italiano.

Não comentei nada, após algumas palavras um tanto enroladas com um sotaque muito diferente dos nossos. Consegui levá-lo para casa.

Sábado, dia do casamento, muita festa, muita alegria. Muita gente. Gente conhecida e outros desconhecidos, talvez parentes do noivo. Uma beleza. Os noivos não viajaram. Ficaram em uma casa que fora construída para eles permanecerem até decidirem onde morar.

Passados dois dias do casamento todos se retiraram para suas casas. Foi o auge de tudo. Gente muita gente. Despedidas alegres, outras nem tanto. Enfim, pegamos à estrada. Novamente tínhamos muito chão pela frente.

O retorno ao lar deu-se de maneira tranquila.

Passado mais ou menos seis meses, passou por nossa casa o mascate Jeremias, novato nas redondezas, que em conversa foi contando sobre as novidades do casamento acontecido e o que tinha de novidade sobre os noivos. Disse ele:

\_ O noivo não me parece muito certo, é engraçado, quase não fala e de vez enquanto parece falar sozinho. Anda pra e pra cá, parecendo que não se acostumou com o ambiente.

Minha mulher interferiu dizendo que isso é normal. O moço não está mesmo acostumado com a vida no campo e com uma família com costumes totalmente diferente.

O mascate despediu-se, porém suas palavras ficaram ressoando nos ouvidos de Aurora.

À noite quando conversávamos, ela ficava falando o mesmo assunto. Conte-lhe que o italiano que ficara em nossa casa naquele dia terrível era o noivo de Mariana, agora marido. Ela achou inacreditável a coincidência, mas concordou que a voz era igual. O horror a sangue devia vir das atrocidades que faziam durante as revoluções. Concordei. Chegamos à conclusão que talvez ele estivesse doente.

Dias depois chegou um mensageiro com uma carta da mãe de Aurora comunicando que o marido de Mariana não se acostumara com a vida na fazenda e o casal iria morar com os pais dele.

O pai era dono de uma grande marcenaria na cidade onde se estabelecera, era homem bem conceituado, porém um dos primeiros refugiados no Brasil por conta da recessão no país de origem. Dos primeiros imigrantes chegados ao Brasil, que vieram colonizar o sul, em terras devolutas financiadas pelo governo.

Fabrizio viera com os pais para o Brasil com quinze anos e quando tinha dezenove foi requisitado pelas forças armadas. Foi para o campo de batalha como chefe militar de uma das várias tropas devido a sua instrução e habilidade no manuseio das armas. Era, constantemente, motivo de chacotas por parte dos companheiros por ser um italiano defendendo uma pátria que nem sua era.

Em 1845 , quando a revolução acabou ficou um tempo recluso , pensativo. Até que conheceu Mariana em uma das idas dela ao comércio. Ela acompanhava outra irmã ou a mãe nas compras que faziam. Apaixonaram-se a primeira vista: o que culminou no casamento.

Embora Aurora fosse de acordo que Mariana fosse viver em companhia da família do marido, não deixou de ficar apreensiva, temendo pela irmã. Assim como Fabrizio tinha o direito de não se adaptar ao nosso sistema, Mariana também tinha esse direito. E isso era um perigo iminente. Naquela época uma separação era uma tragédia em família e ninguém almejava isso.

Quando nossa filha completou onze anos e o irmão maior dez fui obrigado a chamar para nossa casa uma professora a fim de ministrar instrução às crianças. Maria de Lourdes se chamava ela. Tinha muito boa aparência, era discreta e sabia falar o português e o

italiano. Com o passar dos dias fomos nos afeiçoando aquela criatura gentil. De dois em dois meses ia a cidade vizinha onde visitava seus familiares e de lá trazia notícias de pessoas que conhecíamos e de mais novidades.

Em uma de suas visitas solicitou-nos que deixássemos as crianças acompanharem-na. Resolvemos que deixaríamos. As crianças nem dormiram de tão alegres na noite que antecedeu a viagem.

Quando voltaram da viagem vieram cheios de novidades, pois não é que haviam encontrado Mariana e sua sogra. Falaram que tia Mariana estava linda como sempre, mas a acharam-na muito triste. Maria de Lourdes, a professora, nos chamou de lado, e sem rodeios nos colocou a par da situação: Mariana e Fabrizio não estavam bem. Ela fora a cidade vizinha procurar um médico para tratá-lo, porém não especificou o mal que o atacara, pois não quisera ser indiscreta quando do encontro. Mas colocou-se a disposição para maiores informações a respeito, podendo viajar para onde os mesmos moravam, pois tinha um parente próximo que também vivia por lá. E assim foi combinado, já que eu não podia afastar-me por muito tempo, tinha que cuidar da maior parte das lidas sozinho. O guri mais velho tinha deixado de sentar praça, resolveu morar na cidade e arranjou um emprego numa ferraria.

Maria de Lourdes viajou e ficando algum tempo ausente, retornou trazendo péssimas notícias. Fabrizio vivia bêbado, nas carpetas, jogando dia e noite. Seus pais já não sabiam mais o que fazer e além do mais brigava e o pior sempre apanhava. Nunca chegava a casa, sozinho, estava sempre carregado por algum companheiro de noitada. Quando a muito custo conseguiam que ficasse em casa, ele levantava no meio da noite e não deixava mais ninguém dormir. Mariana! Ah!Pobre Mariana, para ele era como se não existisse. Os pais não tinham controle sobre ele.

Diante de tão péssima notícia não poderíamos ficar sem comunicar o restante da família.

Como nossa casa ficava mais próxima da cidade, então, resolvemos escrever uma carta contando que as coisas não andavam bem e pedindo que dona Forinda ou um dos irmãos viessem entrar em contato conosco para que pudéssemos tomar alguma atitude antes que fosse tarde. E assim se fez.

Enviamos um estafeta com a carta e aguardamos a resposta.

Veio dona Florinda e Juvenal, o irmão mais velho de Aurora. Contamos tudo que ouvimos de Maria de Lourdes e sugerimos fazermos uma visita para ver das possibilidades de ajudar.

Quando se mora no campo tudo é muito difícil, principalmente pela época em que o fato aconteceu. Até a chegada de Maria de Lourdes, a entrega da carta a dona Florinda, a vinda dela até nós já haviam se passado um mês e meio. Quando nos deslocamos para a cidade a fim de tomar realmente pé da situação. No caminho encontramos um senhor que nos interpelou, pois queria saber justamente onde eu morava. Trazia consigo uma carta informando a situação em que Mariana e Fabrizio se encontravam e solicitavam nossa presença.

Nervosos e ao mesmo tempo irritados pela falta de notícias anteriores ao agravamento dos fatos, viajamos noite e dia. Parávamos somente para trocar os cavalos, afim de não estropiá-los. Enfim, chegamos.

A cidade era pequena, porém bem movimentada. Ao longe percebemos várias pessoas que entravam e saiam da casa de Fabrizio. Um arrepio correu pelo nosso corpo. Deus queira que não fosse nada grave \_ falou dona Florinda.

Infelizmente acontecera algo fatal. Fabrizio não agüentando mais aquele transtorno sem fim buscara até encontrar a arma do pai e dera um tiro fatal. Diante daquela fatalidade buscamos por Mariana e não a encontramos. Indagando daqui e dali, fomos encontrá-la diante de um riacho que passava ao largo da cidade. Lá estava ela absorta, inerte, desajeitada, parecendo uma velha. Não chorava. Olhar fixo. Quando nos viu simplesmente jogou-se ao chão. E nunca mais foi a mesma pessoa. Nunca se viu chorar, mas também nunca mais sorriu. Viveu o resto de seus dias sem proferir uma só palavra a respeito do que acontecera. Era como se não existisse. Enterrou o passado, mas também não viveu o futuro. Deixou-se viver.

Mariana voltou para casa de sua mãe e passava seus dias a bordar.

Eu e minha mulher continuávamos a nossa vida normalmente. Maria de Lourdes que além de professora passou a ser uma pessoa da família; continuava nos ajudando nos afazeres da casa. O guri que nascera quando retornamos já estava crescendo. Já estávamos no ano de 1853.

Maria de Lourdes sempre muito prestimosa em conversa conosco fez - nos entender que as crianças, agora a menina com dezesseis anos, o menino com quase quinze e seu irmão com dez deveriam receber outras instruções como prendas domésticas, bordado, música e outras atividades além do que já haviam aprendido com ela. Concordamos, mas no começo ficamos um pouco arredios a essa mudança. Como faríamos para instruir melhor nossos filhos?

Naquele tempo nem se ouvia falar em escola.

Maria de Lourdes sugeriu que as crianças fossem estudar na cidade, minha mulher queria ficar ali e não tínhamos como mandar nossos filhos para a cidade sozinhos. Com a cabeça confusa ainda pelo que acontecera a Mariana, deixamos para resolver depois o

que deveríamos fazer. O que não queríamos era que nossos filhos ficassem sem uma melhor instrução, mas também não queríamos que ficassem longe de nós. Era uma decisão muito difícil.

Florival, nosso filho de criação já estava na cidade há muito tempo, uma vez ou outra se sabia notícias pelo mascate ou alguém da família que passasse pela cidade. Perdeu o vínculo. Nestas alturas já estava com quase trinta anos. Era um homem feito.

A família de Fabrizio nunca mais dera notícias e nós por nossa vez também não mais entramos em contato. Eles lá e nós aqui.

Antes de tomarmos alguma decisão, Aurora resolveu ir conversar com sua mãe. Maria de Lourdes ficou cuidando das crianças enquanto íamos até a fazenda. No caminho conversamos muito. Lembramos muitas coisas de quando éramos mais jovens. Os passeios a cavalo. As tardes na beira do rio. As sombras dos arvoredos. As brincadeiras. Quando éramos crianças fomos vizinhos. Claro que nossas casas ficavam muito longe umas das outras. Porém, nossos pais inventavam festas para agradar uns aos outros. Lembramos de pessoas que até então, estavam escondidas em nossa memória. O tempo passou rápido e chegamos logo à tardinha.

Como não tínhamos avisado de nossa presença dona Florinda estranhou um pouco, mas ao nos ver sorridentes; acalmou-se e veio logo nos abraçar.

Contou-nos que Mariana passava a bordar. Continuava assim como que apagada. Não tinha entusiasmo para nada. Quando falava era apenas para perguntar algo. Nunca retrucava, nem se melindrava por nada. Como se não existisse. Andava pela casa e nunca mais visitara ou se referira a casa onde morara quando se casou.

Mais tarde foi chegando o pessoal que residia na casa Juvenal e sua família: Melinda, a sua mulher, Joaquim e Nereida seus filhos. Todos se alegraram muito com nossa



presença. Estavam retornando do rio, onde tinham ido banhar-se. Já era um pouco tarde. Jantamos e fomos dormir.

No dia seguinte deixei as mulheres na casa para que conversassem a vontade e fui ajudar Juvenal nos afazeres que eram muitos. Não fossem os escravos, com certeza não dariam conta do serviço. Eram no total nove escravos de boa linhagem, sendo cinco homens, três mulheres e um piá de uns três anos. Os mais velhos tinham valido um bom dinheiro. Mas, isso não contava, pois como minha sogra dizia:

\_ Um bom escravo não vale pelo quanto o compramos, mas pelo que produz.

Juvenal precisou ir à cidade e eu e os empregados da fazenda passamos à manhã inteira envolta com o gado. Quando retornamos Aurora veio conversar comigo do que tinha combinado com sua mãe. Dona Florinda havia sugerido que ela e as crianças fossem para a cidade. Segundo sua mãe seria muito mais seguro a mãe estar próxima dos filhos, porém diante da negativa de deixar-me sozinho pensaram em outra solução. Dona Florinda sugeriu que nossas crianças fossem para a cidade na companhia de Maria de Lourdes e nós alugássemos uma casa para eles. Cederia uma de suas escravas, talvez a mãe do moleque para acompanhá-los. Esta já deveria morar conosco desde que casamos, mas que Aurora se recusou de levá-la, pois achara desnecessário. Assim Maria de Lourdes poderia cuidar melhor de nossos filhos e se dedicaria a acompanhá-los sempre que necessário. Poderiam procurar pelo meio-irmão, Florival, para que fizesse às vezes da figura masculina em qualquer episódio que viesse a precisar de uma intervenção. Não falei nada, somente escutei.

Aurora perguntou-me, porque estava tão calado. Apenas respondi que iria pensar mais a respeito do assunto.

Como qualquer pai que ama seus filhos, eu, estava com o coração apertado. Não achava uma boa idéia. Tinha medo, aquelas crianças nunca saíram de nosso canto e eram

nossa maior riqueza. Ana Aurora já estava mocinha. Até que ponto eu teria que abrir mão delas. Pressentia que Aurora também estava confusa. Deixar seus filhos longe dela, nas mãos de uma pessoa que era nossa confiança, mas agora era diferente. A situação não era nada boa.

Durante parte da tarde cavalgamos um pouco. À noite nos reunimos. Conversamos, lembramos algumas coisas interessantes e outras nem tanto. Juvenal lembrou que seus filhos já estavam em tempo de ter uma professora. Creio que pensara em Maria de Lourdes, porém não se atrevera mencionar. E o tempo passou.

Ninguém mais falou no assunto. No final de semana resolvemos que iríamos embora. Desejamos boa sorte a todos. Ao sairmos aconteceu que Mariana que havia estado calada o tempo todo chamou por Aurora e beijou-a na face, o que causou espanto geral, pois ela nunca mais havia demonstrado nenhum tipo de afeto a alguém. Fomos embora sem comentários.

Juvenal e as crianças nos acompanharam em um longo trecho depois retornaram.

Eu e Aurora continuamos conversando pelo caminho como quando fomos.

No caminho de volta em um dos entardeceres o cavalo de Aurora assustou-se, deixando-a cair. Não se machucou muito, porém torceu o pé. Tivemos que passar a noite ali mesmo embaixo de uma figueira. Como trazíamos boa bagagem de pães, biscoitos, doces e outros alimentos como frutas, carne cozida. Ficamos satisfeitos e dormimos. De vez em quando nos assustávamos, porque dormir ao relento não é nada tranquilo. No campo, sem o abrigo de uma casa, os barulhos tomam outro ar. Ficam muito maiores do que realmente são.

Aurora amanheceu melhor e retomamos a caminhada. De longe se avistava nossa casa, não era grande como de minha sogra, mas era de bom tamanho para nós. Eu era muito orgulhoso de tê-la construído, pois com a morte de meus pais eu herdara aquele pedaço

de campo. Meu pai, como outros muitos, era considerado pelos amigos, mas era pobre. Minha irmã casou-se e quando teve o primeiro filho, morreu ela e a criança. Fiquei só. O marido dela casou-se novamente e eu nunca mais soube de seu paradeiro.

Finalmente, chegamos. Ajudei Aurora a descer do cavalo e entrar em casa. As crianças ficaram alegres em nos receber. Maria de Lourdes providenciou panos e água quente para massagear o pé de Aurora. Percebemos certa ansiedade por parte de Maria de Lourdes que comentamos mais tarde. Parecia nervosa, mas como todos estavam bem precisamos que não fosse nada, talvez impressão nossa.

Cansados da viagem, cedo fomos descansar.

No dia seguinte, Maria de Lourdes veio ao nosso encontro para falar-nos que havia recebido uma carta de seus familiares dando conta de que o sogro de Mariana morrera de morte súbita no dia em que iniciamos nossa jornada. Ficamos um pouco abalados, mas o que era de se fazer, nunca mais tivemos contato com a família de Fabrizio e nem eles se interessavam em saber como Mariana estava vivendo.

Dias mais tarde, tivemos uma grande surpresa. Florival veio nos visitar. Quanta alegria. Florival já não tinha aquele ar juvenil, estava maduro. Continuava na ferraria e parecia bem de vida. Ainda estava solteiro, porém viera notificar que se casaria. Contou-nos alguns episódios pelos quais passara, mas que agora já não tinham tanta importância assim, mas que visivelmente haviam contribuído para tornar-se um homem de preceitos.

Florival ficou, alguns dias, em nossa casa. Depois foi visitar dona Florinda para convidá-la ao casamento. Porém queria saber algo mais: quem eram seus pais verdadeiros?

Dona Florinda tentou persuadi-lo de não querer saber, pois não modificaria em nada sua história de vida. Já se passara muito tempo e ele tinha recebido um

nome de batismo. Encarecidamente Florival solicitou que lhe fosse contada a sua história. Na verdade, ele desconfiava que fosse filho fora do casamento de seu Lautério, marido de dona Florinda, e que ela por piedade ou vingança havia o tomado por filho e depois arrependida tivesse doado a mim e Aurora como que se vendo livre de um peso. Por isso, depois, que foi embora se desvinculou da família para remoer sua mágoa de não saber a verdade.

Nada do que se passava pela cabeça dele tinha fundamento. Seu Lautério era um homem de princípios. O único defeito, se é que era, era amar e dedicar-se demais a família deixando-se negligenciar na própria saúde.

Dona Florinda contou-lhe que de vez em quando passavam bandoleiros que apesar da fama de bandidos e ladrões até eram boa gente e se dirigiam para a costa do Uruguai a fim de realizar alguns delitos sem muita gravidade: como roubar gado e possíveis tesouros enterrados pelos índios. Em uma destas passagens acamparam perto dali. Numa tarde, apareceram trazendo um menino de aproximadamente dois anos querendo deixá-lo na fazenda, pois o mesmo estava muito doente e com certeza se o levassem: morreria. Prometeram que no retorno levariam a criança com eles. Dona Florinda e seu Lautério com medo de que largassem a criança em qualquer lugar resolveram acolhê-lo. Nunca mais voltaram e, portanto nunca souberam nada mais a respeito dos pais da criança.

Quando Florival falou de sua suspeita dona Florinda sorriu e sentenciou:

\_ Por Deus não pense isso do meu Lautério. Que Deus o tenha. Você só ficou porque ele me convenceu.

Continuou dona Florinda a contar que quando Aurora se casou, Florival chorava muito por falta dela e chegou a ter febre. Não sabendo mais o que fazer resolveu que ele iria morar conosco, faria companhia a nós dois.

Nessa altura, Florival estava envergonhado de ter perdido tanto tempo, tantas noites de sono perdidas, alinhavando um passado que nada tinha a ver com a verdade. Pediu desculpas por estar trazendo lembranças não muito alvissareiras. Levantou-se e saiu.

Dona Florinda chamou-o e disse-lhe que não se envergonhasse de ter perguntado, ela considerava que um homem precisa saber do passado para traçar seu futuro.

\_ Você já perdeu muito tempo colocando minhocas em sua cabeça. Vá e construa uma bela família - disse ela.

Florival contou-nos toda sua história.

Perguntamos a ele porque não nos havia perguntado. Ele respondeu que fosse o que fosse que nós o disséssemos não saberia se verdade ou mentira. Queria ouvir da própria dona Florinda.

Pensamos que não o conhecíamos mais. Ele não acreditava no que falávamos! Tinha sido um rapaz obediente e nunca duvidara de nada que dizíamos, no entanto, hoje mostrava - nos que não era mais o mesmo. Depois de conversarmos chegamos à conclusão que se ele caminhará pelas próprias pernas até aqui, mostrara que não éramos mais tão importantes para ele, e, de certo modo até tinha razão. Tinha crescido e tinha juízo. Isso era o que interessava.

Com tantos acontecimentos e o pouco tempo que tínhamos esquecemos a história das crianças irem para a cidade. Lembramo-nos somente quando Maria de Lourdes ao saber que Florival voltaria para a cidade, veio conversar conosco para aproveitar a carona e visitar seus familiares. Que horror! Tínhamos até esquecido que Maria de Lourdes não andava bem.

Conversamos com Florival que aceitou de pronto a companhia. Comunicamos a Maria de Lourdes da aceitação, porém interrogamo-la se a mesma achava de bom tom viajar

sozinha na companhia de um rapaz. Ela disse que não se importava e que demais era maior e sabia se portar e estava certa de que Florival também saberia comportar-se.

Concordamos afinal de contas eles já eram bem crescidos.

Era manhã, o sol ainda nem despontava e Florival mais Maria de Lourdes pegaram a estrada. Vimos quando sumiram no horizonte.

Passaram-se muitos dias e não tivemos mais notícias de Maria de Lourdes. Com Florival já nos havíamos acostumado, ele não era disso. Mas Maria de Lourdes, ela tinha andado tão tristonha, estaria doente? Continuamos a espera.

As crianças sem a presença dela começaram a ficar irritadiças. Tentamos conversar com eles, dizendo que Maria de Lourdes voltaria logo. Mas, certeza, não tínhamos.

Netinho, como chamávamos o nosso filho mais novo, por ter recebido o nome de meu pai, chegou a mencionar que Maria de Lourdes não gostava dele. Falamos que não era isso, que talvez ela estivesse cansada de viver ali, longe de tudo e de seus familiares e ela era uma moça, precisava casar-se. Netinho, muito esperto, disse que a mana também estava moça e tinha que casar. Era o que temíamos. Conversamos com eles e com bastante convicção mostramos que ainda era cedo pra se pensar nisso e que talvez no ano seguinte fossemos morar na cidade. Foi uma alegria só.

Passados mais alguns dias chegou um bilhete de Maria de Lourdes pedindo muitas desculpas por não ter avisado antes, mas não poderia voltar. Solicitou que enviássemos sua bagagem pelo portador do comunicado, mas não entrou em detalhes do não regresso. O entregador da correspondência também não sabia mais do que as ordens que recebera.

Passaram-se mil e uma idéias pela nossa cabeça. Mas o que havia de se fazer ela mesma dissera que era dona de seu nariz.

Florival casou-se e a festa foi na casa da noiva, que ficava bem perto da cidade. Perguntamos a Florival se ele vira Maria de Lourdes. Ele um pouco sem jeito disse-nos que vira, mas não falara com ela. Quando retornamos da festa resolvemos passar pela cidade e visitá-la. Encontramos a casa vazia, por certo haviam se mudado. A notícia que obtivemos foi de que ela não tinha passado bem depois que saíra de nossa casa e tinha viajado com os familiares. Nada mais a se fazer.

Já que estávamos na cidade aproveitamos para dar uma olhada em casas para venda ou aluguel. Assim, iríamos ajeitando um lugar para o caso se decidíssemos morar na cidade.

Mais tarde encontramos todos. Eu e minha família, dona Florinda, Juvenal e os seus. Mariana preferiu os bordados e ficou na fazenda. A casa de cômodos era simples, porém muito limpa e de boa comida. Conversamos até tarde enquanto as crianças brincavam com sombras da luz da lamparina. Estavam tão animados que até dava pena de mandá-los para cama.

No dia seguinte, fomos às compras no comércio que já estava bem desenvolvido. E foi lá que tivemos a notícia que menos esperávamos e nunca imaginada. Maria de Lourdes fora embora da cidade porque estava grávida. Ao saber da notícia minha cabeça e de minha mulher virou um redemoinho. Como poderia, pois quando morava em nossa casa nunca falara em algum rapaz, nunca se referira a um namorado, marido... Seria de Florival? Porque ela teria feito tanta questão de vir para a cidade com ele? O que teria acontecido? Respostas! A gente sempre quer respostas.

Deixamos muita coisa alinhavada: estava decidido, no ano seguinte, iríamos todos morar na cidade.

Foi um final de ano muito bom. Reunimo-nos na casa de dona Florinda. Florival e a esposa também vieram e estavam muito felizes. Eu estava louco para saber se ele

tinha alguma notícia de Maria de Lourdes. Não tivemos a oportunidade de ficarmos a sós. Sempre alguém estava por perto. Uma dúvida me angustiava: seria mesmo Florival, mas ao mesmo tempo lembrava-me da tristeza de Maria de Lourdes quando voltamos da visita que fizemos à dona Florinda. Talvez ela já estivesse grávida e tinha receio de nos contar.

Passamos muitos bons dias na fazenda.

Dias mais tarde, dona Florinda, surgiu com uma novidade: iria morar na cidade com os filhos de Juvenal e se quiséssemos ela cuidaria dos nossos também. Foi uma alegria geral, porém, ela já estava com certa idade, será que daria conta de tantos moleques?

Começaram-se os preparativos para a mudança. Juvenal e sua família vieram hospedar-se na nossa casa. Faríamos uma só mudança.

Eu e Juvenal fomos à cidade para resolver as questões mais urgentes: comprar alguns móveis, alugar uma casa até que achasse alguma para comprar. Com vistas aos estudos das crianças devíamos encontrar os colégios adequados aos meninos e as meninas.

Enquanto andávamos pela cidade ouvi da boca de Juvenal, porque se alguém me contasse certamente eu não acreditaria. Ele acreditava que eu seria o pai do filho de Maria de Lourdes. Eu fiquei sem palavras. Se ele que era da família chegara a essa conclusão nem imagino o que estariam pensando os outros. E eu desconfiei tanto de Florival que nem passou pela minha cabeça que alguém pensaria algo semelhante a meu respeito. Tremi só em pensar se isto chagasse aos ouvidos de Aurora.

Juvenal estranhou muito o meu silêncio, porém quando falei, perguntei a ele o que ele pensaria de um homem que pensasse isto dele? Ele foi taxativo:

\_ Eu o odiaria.

Disse-lhe então:



\_ Passaste a ser odiado.

Juvenal por todos os meios quis desfazer o mal entendido, mas eu não poderia perdoar tamanha indignidade para comigo. Ficamos estranhados.

Todos estranharam quando retornamos; nosso ânimo não era o mesmo. Eu não dirigia a palavra a Juvenal e nem tão pouco este a mim. Não contei a verdade a Aurora e nem a ninguém, pois se meu cunhado tinha suspeitado a respeito de minha fidelidade para com minha esposa e se eu as comentasse corria o risco das mesmas se transformarem em uma grande fofoca. Já que por certo era só na cabeça dele e de Melinda que isso criara asas.

Quando Aurora perguntou-me o que acontecera, respondi que havíamos nos desentendido a respeito de negócios e finalizei o assunto.

Minha cabeça não parava de pensar. Como saber a verdade? Em quem confiar? Ficava pensando como o ser humano é capaz de inventar histórias e dar a ela tanta importância podendo inclusive causar um dano moral a um indivíduo sem que tenha um mínimo remorso. Será que algum dia passara pela cabeça de Juvenal que a professora era como se fosse minha filha mais velha e que jamais eu trairia a confiança de minha mulher. Lembrei-me das insinuações de Juvenal quando falava que seus filhos precisavam de uma professora, mas jamais imaginei que ele pensasse que eu tivesse um caso com ela. Lembrei-me do beijo dado por Mariana em minha mulher quando nos despedimos, talvez ela tivesse ouvido algo a respeito e aquele beijo significasse piedade. Quando estamos enraivecidos qualquer palavra ou gesto pode virar um monstro que corrói nossa alma e é capaz de nos transformar em impiedosos assassinos. Basta que para isto não se tenha o discernimento da moral e dos bons costumes da lei divina que tudo rege, acalma e consola.

Procurei acalmar-me, já tinha dado minha palavra a minha sogra e não seria por Juvenal que iria deixa de cumpri-la. Embora me sentisse nada a vontade. Com Melinda

ainda trocava algumas palavras. Dona Florinda notou nossa estranheza, mas não tomou partido.

Os dias se passaram, mas não tão fáceis como outrora quando as reuniões de família eram alegres e contagiosas.

Fizemos à mudança de dona Florinda e os netos. Cuidamos de todos os detalhes, deixamos as crianças matriculadas. Ana Aurora como já estava moça foi para uma escola de freiras e Leonardo e Netinho para um seminário, porém não quisemos o sistema de internato, todos iam e vinham para casa todos os dias. O filho de Juvenal procurou não tomar conhecimento de seus paradeiros.

Dona Florinda se fez acompanhar de duas mulatas e o negrinho o que nos deixou mais tranquilos. Sabíamos que não estavam de todo desamparados. Voltamos para casa.

Os meses se passaram. Eram férias escolares. Meus filhos vieram passar no campo. Meus filhos! Pareciam mais lindos. Corados e com muito bom conceito.

Dona Florinda e Ana Aurora vieram nos contar que havia um rapaz interessado em namorar nossa filha. Achamos cedo, mas dona Florinda nos alertou:

\_ Cidade, não é campo. Tem coisas que acontecem por lá de arrepiar os cabelos.

Seria melhor concordar com o namoro e não correr riscos. Conhecíamos nossa filha, mas não convinha contrariar. Achamos por bem convidar o rapaz e a família para uma conversa.

Tudo transcorreu como o combinado. Fomos até a cidade para conhecer nosso futuro genro. Qual não foi nossa surpresa quando demos de cara com meu antigo cunhado, o viúvo de minha irmã. Sim, ele mesmo! Era o pai do rapaz.

Passada a surpresa, nos contou que após enviivar mudou-se para Santa Catarina onde foi trabalhar em uma fábrica de tecidos. Conheceu sua esposa e casaram-se. O filho se chamava Floriano e era um pouco mais velho que Ana. Depois das apresentações rotineiras concordamos que podiam namorar desde que obedecidas às normas. Porém, deixamos claro que o rapaz deveria ter uma atividade além do estudo.

Quando saíram conversamos a respeito deles e dona Florinda acalmou-nos, dizendo que já sabia que os pais eram pessoas de bem e poderíamos ficar descansados. Aurora perguntou-lhe como sabia tanta coisa a respeito deles? Ao que ela respondeu:

\_ Aqui não é lá; aqui as notícias voam.

Depois ficamos sabendo como corriam as novidades: os escravos que trabalhavam nas ruas fazendo os trabalhos braçais e de encomendas ficavam sabendo quase todas as novidades por escutarem aqui e acolá as conversas dos transeuntes. Quando faziam pequenos serviços, para dona Florinda, sempre ganhavam alguma moeda a mais para bisbilhotar a vida alheia. E era assim que ela estava sempre atualizada.

O pai de Floriano montou uma loja na cidade onde vendia além de tecidos, também os aviamentos e todo o tipo de linhas, rendas e tudo o mais que se necessitasse para uma boa costura, bordados ou outra atividade do ramo.

Namoraram durante dois anos. O rapaz trabalhava na loja, pois herdara o gosto pelo comércio. Quando ficaram noivos já marcaram a data do casamento. Estávamos todos felizes. Fazíamos muito gosto.

No dia do noivado Florival veio conversar conosco. Queria ver da possibilidade dos meninos trabalharem com ele na ferraria. Nós não achamos ruim e, como não iria atrapalhar os estudos, considerou-se por bem concordar.

Juvenal não veio para o noivado, só Melinda que já aproveitou para dar uma olhada nos pimpolhos.

Era de tarde, quando se aproximou um empregado da fazenda de minha sogra. Trazia um bilhete. Recebi-o e depois de acomodá-lo fui ler o bilhete que era de Mariana. Solicitava que eu fosse a cidade encontrar-me com dona Florinda. Dizia ela que enviara o bilhete, pois tinha recebido o comunicado que era para que eu e Juvenal fossemos a fim de resolver um assunto pendente.

Eu não lembrava nenhum assunto pendente na cidade, porém se precisava ir que fôssemos. O que não me agradava era me encontrar com Juvenal.

Em dia e hora marcados estávamos lá. Eu fiquei hospedado na casa de cômodos para evitar um confronto com Juvenal. Ele ficou hospedado com dona Florinda.

Dona Florinda começou a falar sobre a educação das crianças como iria ficar dali para diante, pois os meus filhos estavam no último ano do colegial e os de Juvenal um pouco menos adiantado. Ana já acabava os estudos e estava tratando do enxoval. Era uma moça muito doméstica. Sem exigir uma decisão urgente pediu para que pensássemos a respeito. Falou-nos que tinha nos chamado ali para tratarmos de outro assunto também: Maria de Lourdes. Um frio correu por minha espinha. Olhei meio atravessado para Juvenal que estava vermelho que nem pimenta.

Falou-nos que sabia das dúvidas a respeito da gravidez de Maria de Lourdes, mas que nunca quisera se intrometer no assunto, pois era um conteúdo delicado. E como não tinha certeza da inocência ou da culpa de qualquer um de nós, resolvera tomar uma atitude somente depois de ter certeza do que acontecera.

Sabíamos que a criança já devia estar com quase três anos.

Dona Florinda fez um relato muito calmo e com uma nitidez de dar inveja. Contou-nos que Maria de Lourdes tivera um caso com um homem muito rico que jurara casar-se com ela e que após desfrutar de seus carinhos a abandonou deixando-a grávida.

Olhei para Juvenal como que a perguntar:

\_ Não era eu o pai? Ele de cabeça baixa, nem me olhava.

Perguntei a dona Florinda como ela soube desta história?

Ela me respondeu:

\_ Investigando... Investigando.

E continuou:

\_ Neste lugar não se sabe das coisas só se não quiser. Existem pessoas que por uns trocados bisbilhotam tudo de todo.

Lembrei-me dos escravos de mando, aqueles que faziam os serviços os mais diversos por alguns trocados.

Dona Florinda virou-se para Juvenal e indagou:

\_ Juvenal, meu filho, o que se faz quando se fala coisas que não devemos sobre outra pessoa?

Juvenal estava mudo. Não conseguia falar. Dona Florinda exigiu:

\_ Peça desculpas.

Ele estava enraivecido e dirigiu-se a ela dizendo:

\_ Já sou um homem velho, sei se devo ou não desculpar-me. O certo é que o que pensei, todos pensaram e porque somente eu tenho de desculpar-me?

Dona Florinda arrematou:

\_ Somente tu proferiste a injúria, os outros pensaram e calaram. Não é menor o pecado, mas é justo que te retrates.

Juvenal saiu da sala.

Agradecido, aliviado e ao mesmo tempo, apavorado, pois não sabia o que se passava na cabeça de Juvenal, fui para a casa de cômodos.

Recebi a visita de meus filhos que já estavam mocinhos, porém para nós sempre crianças. Escreveram bilhetes para a mãe e eu os guardei.

Voltei para casa sem saber de Juvenal.

Cheguei à tardinha, Aurora me esperava ansiosa para saber das novidades. Contei-lhe tudo desde o início da história e até do beijo dado por Mariana que eu suspeitei fosse por piedade. Aurora ficou pensativa por alguns instantes e depois disse:

\_ Que bom que tudo acabou solucionado por mamãe, porque de outra forma Juvenal não acreditaria.

Passados alguns dias recebi um bilhete de Melinda pedindo notícias de seu marido, pois o mascate que passara por nossa casa dissera que eu estava de volta. Ela se encontrava muito preocupada, pois ele não retornara e nem enviara notícias.

Eu e Aurora ficamos preocupados. O que poderia ter acontecido?

Enviamos pelo portador outro bilhete comunicando que Juvenal estava bem, isto para que ela não se preocupasse tanto e que ficara na cidade resolvendo alguns assuntos.

Enquanto o mensageiro ia se afastando resolvemos que iríamos à cidade para nos interarmos sobre Juvenal.

Pior não podia ser a notícia, não havia nada sobre ele, simplesmente desaparecera. A última pessoa que o vira disse que ele tinha ido para os lados do rio. Porém não aparecera nenhum corpo boiando ou algo mais horrendo por aquelas redondezas. Preferimos esperar. Quem sabe foi para casa de algum conhecido a fim de esfriar a cabeça. Não comentamos nada com os meninos.

Dona Florinda iniciou uma novena inquirindo a presença do filho. E nós a acompanhávamos. Passavam-se os dias e nada.

Nestas alturas tivemos que comunicar Melinda. Ela e Mariana vieram para a cidade.

Todos se perguntavam o que dera em Juvenal sair assim sem nada comunicar? Dona Florinda já se sentia culpada pelo despropósito do filho. As crianças vendo todo aquele estado de perturbação em que nos encontrávamos, quiseram saber o que acontecera.

Dona Florinda tratou de explicar já tomando o assunto como pretexto para demonstrar um bom exemplo de que nunca se deve dizer o que não se tem certeza, e que quando a verdade chega só nos resta conviver com ela. Não adianta fugir da realidade, ela vem atrás de nós e nos alcança, dias mais, dias menos. A verdade sempre aparece.

Passava do meio dia quando uma carruagem de aluguel parou defronte a casa. Eis que surge Juvenal. Dona Florinda entre soluços e sorrisos foi encontrar o filho. Este a abraçou e veio direto a mim. Pediu-me desculpas pelo incidente. Quando foi indagado por Melinda onde andara todos aqueles dias, não respondeu, apenas disse fui desfazer um mal entendido.

Muito mais tarde, fomos saber que ele fora procurar Maria de Lourdes para saber a verdade, pois quando ela estava em nossa casa ele a havia destrutado. Descobriria o seu caso de amor com o tal homem de posses, em uma de suas idas a cidade, e metera na cabeça que eu sabia de tudo e por isso levei Maria de Lourdes para minha casa a fim de torná-la minha amante. Na verdade quem a mandara embora da minha casa fora ele que se aproveitara que estávamos na fazenda e com o pretexto de ir a cidade passou por lá e a desfeiteou.

Para mim Juvenal não passava de um ser insignificante. Nunca mais fomos os mesmos.

Estava tudo certo. O casamento de Ana estava marcado. Enxoval e preparativos; tudo em ordem. Precisávamos decidir se iríamos festejar no campo ou na cidade. Decidimos pelo campo, mais espaço, maior liberdade.

Ana estava, agora com vinte e dois anos, um primor de filha. Estava linda no dia do casamento. A festa foi um espetáculo. Todos estavam muito felizes. Florival veio com a mulher e seus três filhos. Os pais do noivo trouxeram muitos parentes. Até Mariana acabou se mostrando mais ativa e mais alegre.

Depois do casamento Florival e a família ficaram alguns dias conosco.

Os meus meninos haviam deixado à escola e ficaram tomando conta da ferraria. Emílio, meu filho do meio era muito esperto e Netinho muito hábil formavam uma bela dupla. Florival contou-me que Emílio estava enamorado da sobrinha de sua esposa e que em breve falaria para eu ir falar com o pai da moça, mas pediu-me sigilo.

De fato dias depois ele formalizou o pedido. Fomos bem recebidos e tudo saiu dentro dos conformes.

Com os filhos encaminhados fomos à fazenda para visitar Mariana, Juvenal tinha se mudado para uma cidade mais próspera levando os filhos dele e dona Florinda aproveitou para passear um pouco. Mariana estava lá, sempre com seus afazeres. Não tinha iniciativa para nada, às vezes dizia coisas fora do contexto, as quais não se davam muita importância. Mas uma coisa chamou a minha atenção, não só minha, mas do resto da família também. Ela chegou para Aurora e entregou uma mantilha com a inicial “F” bordada e disse bem baixinho: \_ Ele vai voltar.

Ninguém entendeu muito de quem ela falava, apenas suspeitamos que pela inicial fosse Florival. Mas, o que tinha a ver uma mantilha com Florival? Parecendo ler nossos pensamentos enfatizou:



\_ Ele vai retornar.

Ninguém mais comentou nada, afinal tínhamos outras coisas mais importantes para nos importar.

Passaram-se mais dois meses após o casamento e chegou à notícia de que Ana estaria esperando bebê. Ficamos muito alegres foi então que Aurora exclamou:

\_ Fabrizio, ela disse que ele retornava.

Eu fiquei chocado. Lembrei-me imediatamente da inicial no pano. Será que ela agora dera para ser advinha? Não acreditei. Falei para Aurora:

\_ Isso são bobagens da cabeça de tua irmã. Mas, Aurora estava preocupada.

Dias depois, minha sogra, passou por nossa casa para ir à fazenda, pois tencionava retornar ao campo, uma vez, que sua presença já não era tão necessária na cidade e já estava cansada e não se sentia bem. Aurora contou a ela a história de Mariana. Dona Florinda, mandou esquecer esse assunto e ainda disse que muito se admirava a gente pensar tamanha besteira, achar que um morto poderia retornar. Para encurtar a história e colocando um ponto final disse:

\_ Vai ver que ela percebeu que eu estava chegando. Às vezes ela tem disso, cisma com uma coisa até que acontece. Era eu que ia retornar afinal meu nome começa com "F".

Diante disso ficamos quietos, mas não satisfeitos.

Dona Florinda foi morar na fazenda. Os guris se organizaram e se tornaram donos de seus narizes e nós fomos para assistir o nascimento de nosso primeiro neto. A parteira já estava de plantão, todos reunidos à espera daquele milagre. Seria menino, ou menina? Seria parecido com o pai ou a mãe? Seria sadio? Passavam muitos pensamentos em nossas cabeças.

Finalmente depois de três dias de espera nasceu.

\_ Um belo rapaz! –gritou à parteira.

A alegria foi geral. Abraços e desejos de felicidade ecoaram pelo ambiente se juntando ao choro do guri. As mulheres foram ver o bebê e a Ana como estava passando. Vieram com a notícia de que tudo estava bem. Fiquei aliviado. Durante o parto pensei muito na minha irmã e no que acontecera a ela e a criança.

Dois dias depois do nascimento, Aurora veio conversar comigo a respeito do bebê. Assustei-me pelo jeito que ela começou a conversa, ela achava que o bebê tivesse um problema no coração. Ele tinha uma cicatriz bem do lado do coração como se tivesse levado uma flechada. Eu fiquei apavorado e resolvi falar com meu genro a respeito. Ele por sua vez nem sabia que seu filho tinha o que considerou um defeito. Expliquei que não era um defeito, mas que poderia ou não ser algo e seria de bom tom levá-lo ao médico. Por fim ficamos todos muito nervosos, mas não queríamos que Ana se preocupasse.

Tínhamos que esperar a criança ficar com um mês ou mais para poder levá-lo a um médico na cidade vizinha, o que não era fácil. Então resolvemos buscar o médico, pois dona Florinda mais uma vez passara mal, então cuidaríamos para que o médico já consultasse toda a família. Mariana também precisava consultar.

Naquela época os médicos eram escassos e o pior é que nem conheciam casos de bebês, para eles os bebês não tinham vida humana era assim como se fossem uns animaizinhos, só que tinham um principio humano. Eles consideravam que não sentiam dor. Para eles se um bebê morresse, não tinha importância nenhuma. Estávamos temerosos.

Enfim, chegou o dia do médico chegar. Fomos esperá-lo na entrada da cidade. Já havíamos trazido dona Florinda e Mariana para a cidade. Estavam hospedadas na casa de Florival. O médico era um cara sério, um pouco calvo, esbelto e bem baixinho. Chegou todo empoeirado, reclamando do estado da estrada e dos poucos lugares onde pode repousar

durante a viagem. Contornamos o assunto dando a ele um tratamento digno e o hospedando na casa de cômodos para que ele se sentisse mais a vontade. Deixamos que ele se refizesse da viagem. Não tínhamos pressa que ele examinasse o bebê, enquanto estivesse cansado, nos parecia que não nos inspiraria confiança no diagnóstico.

Depois de refeito, combinamos que ele examinaria os adultos ali na casa de cômodos e só o bebê e a mãe na casa da família.

Dona Florinda foi de bom grado, porém Mariana não queria ir. Após muita conversa resolveu que ia. Enquanto isso correu pela cidade a notícia que um doutor estava na casa de cômodos e formou-se uma fila de doentes e de curiosos. Conversei com o médico a respeito de efetuar algumas consultas extras ao que ele atendeu prontamente, porém solicitando que fossem agendadas para os próximos três dias que era o tempo disponível por ele. Argumentou que só tinha ido ali por insistência do pai e o avô da criança e pela quantia oferecida pela prestação dos serviços.

No dia seguinte pediu-nos que o levasse até a casa onde estavam a mãe e o bebê.

Pedi para permanecer sozinho com Ana e o bebê. Depois de um longo tempo, para nós, uma eternidade devido à emoção e a preocupação. Chamou por Aurora. Esta prontamente atendeu. Ele retirou-se do quarto. Solicitou-nos um copo de água, dando tempo para que Aurora retornasse à sala.

Começou falando de dona Florinda. A mesma precisava de um tratamento rigoroso, pois estava muito abatida. Já era uma pessoa idosa e precisava de cuidados e descanso. Mariana estava completamente fora da realidade e considerava que seria de bom alvitre interná-la em um sanatório para um tratamento. Ana estava muito bem e perguntou-nos quem teria sido a parteira que a atendeu elogiando o trabalho feito pela mesma. Nessas alturas

nossos corações pareciam explodir de tanta ansiedade. O médico muito calmamente pegou o copo com água e dirigiu-se até a janela. Não agüentei e perguntei quase que num impulso:

\_ E o bebê, doutor? E o bebê?

Ele olhou-me com muita tranqüilidade que eu também me acalmei e disse:

\_ Bem o bebê precisa ter um nome, não? Como vou tratar um paciente que nem o nome eu sei?

Caímos na realidade: a criança ainda não tinha nome. Esquecemos completamente e no outro dia já tinha completado o sétimo dia de nascimento e nenhum de nós havia se dado conta. Lembramos da lenda da bruxa que levava os bebês no sétimo dia se não fossem batizadas. Todas essas invenções que os antigos passavam de geração em geração. Inclusive o médico, entrou no assunto contando algumas de suas experiências por onde andou. E brincando falou:

\_ Não se preocupem a bruxa tem medo de médicos.

Depois de alguns nomes sugeridos, o médico perguntou-nos se queríamos ainda o seu diagnóstico.

\_ Bem – disse ele –tratem de colocar um nome bem forte neste rapaz, ele goza de muito boa saúde. Aquilo é apenas um sinal de nascença.

Alguém sugeriu Francisco. E Francisco se criou saudável.

O médico ficou nosso amigo e batizou Francisco. Quando o médico foi se despedir conversou com Mariana e ela disse a ele que sabia por que Francisco tinha aquela marca:

\_ Ele é Fabrizio \_ disse ela.

O médico não entendeu nada e quando foi embora recomendou:

\_ Mariana necessita ser internada.

Doutor Mileto começou a vir à cidade visitar seu afilhado e também aproveitava para fazer algumas consultas.

Dona Florinda faleceu quando o bisneto tinha cinco anos.

Mariana continuou solteira e herdou parte dos bens de seus sogros, já que sua sogra também faleceu.

Dos filhos de Juvenal: Nereida formou-se professora e Joaquim contador e foi trabalhar no escritório de uma grande madeireira.

Florival ficou rico e meus filhos continuaram com a ferraria. Casaram - se e tiveram filhos.

Eu e Aurora vivemos muitos anos mais e depois também deixamos a terra. Encontramo-nos muitas vezes por aqui. Eu já encarnei mais uma vez e retornei.

Hoje eu sei, Mariana tinha razão, meu neto era Fabrizio que voltara.

Essa é a história de uma de nossas vidas, mas já fomos parentes em outras.

Hoje estou desencarnado, me chamo Lázaro e cuido da ala dos leprosos e como esta doença, na atualidade, está quase erradicada, sou responsável também pelo acolhimento aos mendigos e indigentes que chegam por aqui. Tenho como ajudante um rapaz que já foi meu pai em outra encarnação e se chama Josúe.

Antonia Rosangela